

# Correio Paulistano

Propriedade de Joaquim Roberto de Azevedo Marques

Administrador José Maria de Azevedo Marques

ANNO XXVIII

N. de dia—100 rs.	Anno . . . . .	Subscreve-se no escriptorio PARA A CAPITAL	148000	Anno . . . . .	raia da Imperatriz N.º 27 PARA FORA	188000	N. estrada—300 rs.
Semestre . . . . .		78000	Semestre . . . . .		98000		
Pagamentos, adiantados							

N. 7843

## CORREIO PAULISTANO

S. Paulo 26 de Maio

Transcrevemos em seguida uma carta do nosso distinto amigo o sr. conselheiro Pereira da Silva, publicada no «Crusero», onde trata o illustre parlamentar da assustadora baixa de preço que teve no mercado de nosso principal genero de exportação—o café.

E' com prazer que verificamos estar de acordo a auctorizada opinião do nosso amigo com a que temos sempre expresso sobre as medidas que devem ser tomadas pelos nossos agricultores e poderes públicos, acerca da cultura e exportação do café.

Transcrevendo hoje a carta alludida nata mais fazemos do que continuar a tarefa que impuzemo-nos, de dizer aos nossos plantadores de café a verdade e toda a verdade sobre a sua situação.

Alm. sr.—Vme. teve a bondade de comunicar-me seus sustos a respeito da situação actual da nossa produção de café, e pediu-me opinião sobre o que conviria prever para errancal-a da sua prostração.

Não me considero suficientemente habilitado para emitir parecer. Contento-me, para o satisfaçor, com desenolver as considerações que me ocorrem:

A baixa do preço do café actualmente me parece mais momentânea que permanente; todavia ha um facto importante que actua, e que releva fazer sobre-sesar para esclarecimento da questão.

Até hoje foi o Brazil monopolista quasi da produção do café: atribuia-se ao café brasileiro o distico necessário para illudir o consumidor: ora appellava-se —Moka—, ora —Ceylão—, ora —Jamaica—, conforme as reputações que as provenienças destes países haviam conseguido pelas suas excellentes qualidades, perfume, sabor e aspecto. Pouco produziam elles, para o consumo, que se praticava. O chamado brasileiro era unicamente o de qualidades inferiores, e por isso, posto que quasi todo se transportasse do Brazil, as suas colheitas superiores passavam por produtos de outros climas.

Mas de algum tempo a esta parte se tem propagado a cultura do cafeteiro em varios países, e até o Mexico produz

actualmente quantidade notável. Os preços elevados convidavam os lavradores a preferir-o a outros generos no amanho e applicação de seus terrenos. E com razão o café devia ser mais lucrativo, como a parreira na Europa, plantada, dura muitos annos, e dá sempre fructo, enquanto que o trigo, o milho, o centeio, o arroz, a canna carecem cada anno de ser de novo plantados, e só produzem uma colheita. O cuidado de limpar e vigiar não exige trabalho tão grande como o dos cereais.

O aumento, portanto, de produção se faz sentir, e como o consumo, posto que accrescido paulatinamente, não atingiu, contudo, as proporções da produção, o genero não podia deixar de baratear.

Examinem-se as estatísticas dos principais depósitos na Europa e America, e comparem-se as do anno corrente com as dos annos anteriores: há manifesta e notável superioridade hoje, e portanto não igualando o consumo à quantidade produzida e tornada esta superior à demanda, não ha que admirar no rebaixamento do valor.

Não é facto que deva constituir-se permanente, ainda que o aumento da produção continue, cultivado o genero em maior numero de países que até aqui o não plantavam, porque, como penso, o consumo ha de ir igualmente progredindo, e os annos de falha ou diminuição de colheita verão os preços melhorados.

O que é mister é que se aperfeiçoe o genero, se melhore a industria, e se converta o café na melhor qualidade possível. Observa-se actualmente que a baixa do preço deu mais desenvolvimentos qualidades, e desprezaram-se as inferiores.

Além disto os fretes pagam-se por peso quer nas estradas quer nos navios e barcos: não lucra já ahí a qualidade superior, suportando menores onus e despesas?

A prova está em que os cafés inferiores, hoje entre nós, mal compensam ao lavrador o seu trabalho; os fretes diminuem-lhes o valor.

E, porem, nossa obrigação olhar indiferentemente para esta diminuição dos preços, e esperar só do futuro, que passa a crise? Sim, digo crise, porque a actualidade constitue uma verdadeira crise para a nossa principal produção, base da nossa fortuna publica e particular.

Não; cumpre tratar de oppor-lhe remedios, ainda que transitorios como ella parece, porque essa crise está nos acentuando dificuldades e transtornos da maior transcendencia.

Não ha dúvida que o jogo dos cambios de praça á praça provém das com-

parações entre a importação e exportação; melhora o cambio para o paiz que vende e exporta mais que compra e importa. Em uma nação, como a nossa, de papel moeda, na ausência da circulação metalica, muitas vezes revolucionária, o cambio a especulação individual, o que se não dá em países regulares na sua moeda preciosa.

O que não será, nesse caso, para nós, admitida ainda esta ultima circunstância, quando o valor da exportação, pela baixa extraordinaria do preço do café, se torna muito inferior ao da importação dos generos necessarios ao nosso consumo?

Dabi resultado que muito está influindo na depreciação do cambio a baixa do preço do genero, que constitue a nossa primeira riqueza.

E' que consequencias fatais não é para um povo o deprecimento do cambio, e em particular para um paiz como o nosso, sobrecarregado de dividas consolidadas no estrangeiro, cujos juros e amortização é necessário pagar em ouro, e em periodos fatais? E que precisa no estrangeiro comprar a maior parte dos objectos de que carece para todos os seus serviços publicos e necessidades particulares?

Não perdem ainda extraordinariamente o tesouro publico, e as fazendas provinciais, recebendo impostos menores dos que costumavam alcançar, pela baixa do preço? Não constitue o tributo da exportação o alimento primordial das províncias?

Não tem até aqui convidado ao Estado reduzir os direitos da importação porque se tem observado que não lucram os productores, visto que as assembleias provinciais augmentam logo os seus gastos que englobam o custo do governo geral?

Tem pesado muito em alguns espiritos esta razão, principalmente quando as finanças do Estado não se acham em situação prospera.

Bem que é esta a principal questão dos legisladores, muito se deveriam estudar os meios de compensar a perda resultante da diminuição ou extinção de direitos de exportação do produto nacional, porque é um facto anomalo e desastroso, que em vez de coadjuvar a industria nacional, se sobrecarregue ella com impostos, e impostos duros.

Pela indeclinável necessidade, sobre-me ao espirito uma idéa, com que no momento actual lucraria o Estado, providenciando, ainda que provisoriamente, ao mesmo tempo que se melhoraria um pouco o sofrimento dos lavradores.

Não se cobram os direitos de exportação segundo os valores das mercadorias no momento? Não sobem e descem elles conforme as tabelas dos preços da occasião?

Porque as estradas de ferro, que hoje funcionam, actualmente não diminuiriam provisoriamente os transportes?

Compreende-se que as empresas particulares se não quiseram prestar a diminuir seus lucros. Mas a estrada de ferro D. Pedro II pertence ao Estado, e este a não fez construir para ganhar, mas para beneficiar o paiz, deve contentar-se com o lucro correspondente ao premio que paga pelos capitais nella empregados.

Porque, provisoriamente, enquanto dura a crise pela baixa do preço do café, não diminui os preços dos transportes? Cessada a crise, poderá, estudadas as tarifas, modifical-as.

Em vez de perder ganharia ate o Estado, além de beneficiar a lavoura. Para que se construem e se devem construir redes de estrada de ferro, senão para baratear o transporte e facilitar a producção?

Não viria maior quantidade de produtos que não podem actualmente suprir os fretes?

O café ordinario já não faz conta transportar-se para o mercado; e quando diminuidos os preços, não lucraria o Estado em maior quantidade de produtos que transitariam pela estrada de ferro, porque poderiam encontrar preço nos mercados que compensem o trabalho?

Esta caria já vai longa, entretanto carece o assumpto de maiores desenvolvimentos; talvez eu continue a expandir-lhe minhas opiniões. No entanto paro hoje aqui, confessando-me seu amigo.»

## ASSEMBLEIA PROVINCIAL

SESSÃO DE 24 DE MAIO DE 1881

Presidencia do sr. Paul Souza

Achando se presente numero legal foi aberta a sessão e lidos os seguintes projectos no expediente:

Da comissão de constituição e justiça, autorizando o governo a mandar contar integralmente, para todos os efeitos legais, o tempo decorrido de 5 de Novembro de 1868 a 13 de Novembro de 1880 em que o major Pedro Gonçalves Dente serviu empregos na thezauraria da fazenda.

Da mesma comissão autorizando o presidente da província a contratar com o tenente coronel Lucio José Seabra e outros, ou com quem melhores vantagens offerecer, a construção de um ramal de estrada de ferro, que partindo de Bacabatava vê terminar na cidade de Tatchy.

Entrando-se na ordem do dia, foi aprovado o projecto n.º 108 que cria empréstimo na camara municipal da capital.

Entrou em 1ª discussão o projecto n.º 110 que aumenta o presal do thezaurio provincial.

SESSAO ORDINARIA DE 16 DE MAIO DE 1881

Presidencia do sr. dr. João Mendes de Almeida Junior

Aos 16 de Maio de 1881 nesta imperial cidade de S. Paulo no paço da camara municipal comparecerão os senhores vereadores drs. João Mendes Junior, Elias Pacheco, Frederico Abreu Chaves, Monteiro de Barros, Augusto Queiroz, Aguiar e Castro e tenente coronel Fernando Braga, faltando os mais senhores vereadores.

O señor presidente declarou aberta a sessão. Foi lida e aprovada a acta da antecedente.

Levantou-se a sessão.

## FOLHETIM

(122)

## OS FILHOS PERDIDOS

TOM

D. MANUEL FERNANDES Y GONZALEZ

## LIVRO QUINTO

II

DE QUE MANNER SE PODE USAR DA MURMURAÇÃO PARA A INFÂNCIA

(Continuação)

— Ah! um tutor! exclamou Consuelo. Os tutores! Os tutores!... Tem a liberdade e o poder dos pais! Eu não sei, em verdade, que é que podeis fazer a tutores a parte com o seu tutor, sem que ninguém o possa evitar! Pois não poderia estar de mesma maneira com qualquer outro homem! Anomalias, anomalias!... Mas, vamos adiante. O tutor.

— Mas não era pelo tutor que Clara estava apixonada, por quem ella está a perdida de amores, era pelo meu... entendo... natural... não é que seja o termo, desculpem.

— Sempre amei, marquez, disse Theodora com bondade.

— Percebi o filio da duquesa de Piedrahita D. Matilde, que era o tutor de Clara e do proprio, vendo o que pode os bens e de um e outro, só se pôde dar a tutoria a marquezaria a miseria.

— Mas como se prova que Clara seja de direito duquesa de Castro? perguntou Theodora, cuja admiração subia de novo.

— É minha mulher que o afirma, respondeu o marquez, e por isso adia o casamento com Clara.

— Ora horror! disse Consuelo. Pois é forte

não tem que ver! São boas com leguas, não é verdade?

— Trinta quatro, respondeu o marquez, e andou-as em quatro dias. O meu... entendo naturalmente que é muito ilustrado, embora proveniente de Italia.

— Minha mulher conheceu muito um tal Gaspar Meia-Noite, um pobre correndita, um filho perdido também, que era, nada mais e nada menos, que D. Gaspar de Albalonga. Este senhor casára, quando nem sequer pensava ainda no que havia de ser, com uma rapariga do campo, formosissima, tão formosa que, Clara, sua filha, é o seu vivo retrato, e por isso minha mulher a reconheceu. Sucedeu que D. Cesareo de Albalonga, então duque de Castro, tropeçou com Gaspar Meia-Noite, que era mestre memorialista, e por um conjunto de circunstâncias, que não tenho tempo de relatar agora, conheceu em Gaspar Meia-Noite o seu sobrinho carnal; mas antes de o reconhecer legalmente e de lhe dar o titulo, como depois fez, não querendo que o ducado de Castro fosse para a uma criança, filha de menor tempo, roubou-a seu sobrinho, e a pobre menina tem andado desde então aos tempos pelo mundo, até que providencialmente ou casualmente volteu ao seio da sua família.

— Maravilhoso! admirável! disse Consuelo, enquanto que Theodora, profundamente pensativa, não pronunciava uma só palavra.

— E como lhes digo, continuou o marquez em voz baixa. Mas não o propõem, por Deus, por que é caso muito grave, o pode trazer funestas consequências, se for divulgado.

— Desculpe, marquez, que guardaremos segredo. Mas acabá que nos mata de impaciencia.

— A verdadeira duquesa de Castro é... Perdame se eu insisti em pedir todo o segredo.

— Sim, sim, disse Theodora, mas quem é a verdadeira duquesa de Castro?

— Ah! a Clara! disse o marquez.

Sucedeu a esta declaração um solemne silencio, silêncio de surpresa, de admirado, de pasmo.

— Mas como se prova que Clara seja de direito duquesa de Castro? perguntou Theodora, cuja admiração subia de novo.

— É minha mulher que o afirma, respondeu o marquez, e por isso adia o casamento com Clara.

— Pois é muito forte... Casimira.

do que o homem sem honra... Ao deshonrado abre-se-lhe todas as portas, se é rico, por que ninguem comprehende que a honra possa dar o braço a miseria!... Ah!... entendo natural!... Deve estar aqui a mulher encarregada... Sim, deve estar, que assim m' o anuncia um bilhete anonymous que recebi antes de chegar.

O marquez tirou um papel da algibeira e leu o seguinte:

— Vá esta noite a casa da senhora de Salles, que deve lá estar a formosa jovem, a Casimira que está encarregada dela.

— O marquez tornou a guardar a carta.

— Não está mulher alguma, moça ou velha, consegue eu murmurando, que eu não conheça, e que não seja conhecida de toda a gente. Se essa Casimira aqui está é mister recelar de todas... Ah! mas isso é impossível!

— Marquez! disse uma voz argentina e sonora, muito perdo de elle.

— Ah! Casimira! exclamou o marquez. Como assim?... Sózinha?

— Vá para o buffet, não tenho cavaleiro, e embargo-o, disse a jovem, que era assim formosa.

— Com muito prazer! disse o marquez, encantando-se para uma especie de salita, da qual se passava a um extenso corredor, que era o chão de senhoras, dando o braço cada uma ao seu cavaleiro.

— Mais como se explica isto, Casimira!... Tão formosa, e sem cavaleiro!...

— Ah! meu amigo! respondeu a jovem, nós, as mulheres, estamos em maioria.

— Mais devagar, mais devagar!... V. excs. pertencem sempre à maioria.

— Obrigado!

modo por que devem ser feitas e averbadas as declarações de fuga e apprehensão dos escravos.—Interrada.

Ofício do cobrador da camara, de 11 do corrente, remetendo o balanço de sua arrecadação do mês de Abril, demonstrando o saldo líquido entregus ao procurador do rs. 927\$207.—A comissão de contas.

## REQUERIMENTOS

De director da Companhia Carris de Ferro desta cidade, pedindo a revogação da ordem que lhe foi intimada para demolição do chalet que construi no terreno da Praça do Mercado, onde conserva animais de promptidão para a difícil subida da ladeira da rua Municipal, cuja extensão é de mais de 20 ‰, sujeitando-se mesmo a um pagamento que lhe for imposto atualmente a título de aforamento, afim de continuar com o alludido chalet.—A comissão de justiça.

De Alexandre Colle, pedindo permissão para continuar com o serviço de uma meia agua que está edificando no fundo de seus terrenos sítios nos Campos Elyseos, e que foi embargado pelo fiscal Azavedo, obrigando-o o supplicante logo que tenha de puchar para a frente, fazer a obra na altura e dimensões que determinou as posturas em vigor.—Como requer, lavrando-se o respectivo termo.

De Julio Arão Theodoro, allegando que tendo em data de 24 de Agosto do anno proximo passado requerido ao exmo. governo compra dos terreros devolutos no lugar denominado Cagnassú, cuja petição foi remetida a esta camara para informar, em Novembro do mesmo anno, e não tendo ainda subido a informação ao governo da província, requer que se informe a respeito.—A comissão de justiça.

Entrou em discussão a indicação do sr. dr. Augusto Queiroz, que foi adiada na sessão anterior, sobre o alinhamento requerido pelo conselheiro Falcão Filho, no terreno unido ao seu predio à rua 7 de Abril canto da do conselheiro Crispiniano.—Foi resolvido que se conceda o alinhamento pedido, contra os votos dos srs. Augusto Queiroz e Aguilar e Castro.

## PARECER DE COMISSÃO

A comissão de obras à qual foram afecas as propostas concernentes aos reparos da Praça do Mercado, que já foram publicadas, tendo-as confrontado, é de parecer que seja aceita a de Manfredo Meyer que se propõe a fazer o calcamento de pedra artificial de primeira qualidade, a contento do engenheiro, retelhar, rebocar, caiar todo o edifício externo e internamente, dar duas mãos de óleo em todas as portas, janelas, canos e batentes e concerter as molduras e frisos, fazendo todos estes serviços pela quantia de 6:970\$000, que receberá em letras vencendo o juro de 6‰. ao anno, pelo prazo de doze meses.

Esta proposta pareceu à comissão, de pois de devido exame, a que deve ser preferida por ser à que oferece mais vantagens à camara, tendo o proponente a idéia nítida de precisar para comprar facilmente o contrato que com ele se fará.

Pago à camara, 16 de Maio de 1881.—Frederico Abranches.—Elias Chaves.—Approved.

## INICIAÇÕES

Do sr. dr. Augusto Queiroz : Indicou que o engenheiro da camara dê o seu parecer sobre a conveniência das cantos das ruas serem quebrados ou arredondados, prejudicando o menos possível as construções que nesses lugares tenham de se levantar.

Pago à camara, 16 de Maio de 1881.—Augusto de Souza Queiroz.—Approved.—Do mesmo e do sr. dr. Aguilar e Castro.

Indicamos que, em seguito a rua da Constituição, se calcne igualmente a rua Alegria na parte em que transitam os bondes.

Pago à camara, 16 de Maio de 1881.—Augusto de Souza Queiroz.—A. F. Aguilar e Castro.—Approved.

Do sr. tenente-coronel Fernandes Braga :

Indicou que se faça, com urgencia, os reparos necessários nas pontes do Acti e da travessa do Seminário.—Approved, ficando encarregado desses concertos o sr. dr. Antonio Francisco.

O sr. dr. Augusto de Queiroz requer a convocação do suplente que substitua o vereador dr. José Bueno, actualmente com assento na assembleia provincial.—Approved.

O mesmo reclama contra o facto de não ter sido feita a intimação à Companhia Carris de Ferro, relativamente à conservação do calcamento no centro dos trilhos dos bondes.

O sr. presidente declara que a intimação foi feita por portaria expedida pelo sr. secretário.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente levantou a sessão, do que para constituir a presente acta. Eu, Antonio Joaquim da Costa Guimarães, secretário a secretaria.—E A. P. Chaves.—Augusto de Souza Queiroz.—Dr. Frederico Abranches.—Francisco de Paula Rodrigues—Antônio José Fernandes Braga.—A. F. de Aguilar e Castro.

## SEÇÃO LIVRE

## Aos católicos da Diocese de São Paulo

Impõe-nos mesmos sentimentos que os católicos de outras partes do globo a conferir de São Sagrado Coração de Jesus desta cidade, deliberar haver o estandarte do Sagrado Coração e unir esforços para a preparação de seu saito divino, se

qual está promettida a inestimável virtude de uma prodigiosa dilatação do catholicismo.

Depois de reverentemente prostrada aos pés do primeiro pastor desta diocese e recebida sua benção e aprovação, a conferência é exemplo ainda dos católicos de outros lugares, escolheu entre os meios adequados a seu fim a ereção de uma modesta igreja, em honra do Divino Coração de Jesus.

A esta ideia muitos católicos se associaram com entusiasmo e esperança. Os abaixo assinados membros da comissão encarregada das obras da igreja, mandaram já cavar os alicerces, nos campos Eliseu e desta capital e para a consecução desta empreza, pedem e esperam o obolo generoso dos verdadeiros católicos da diocese de S. Paulo. No dia 24 de Junho o nosso venerando e caríssimo prelado Diocesano dispôe-se a fazer o lançamento da primeira pedra.

S. Paulo, 22 de Maio de 1881,

Alberto Saladino Figueira de Aguiar, Raphael Correia, João José Vieira Guimarães Junior, Bernardino José Dias Torres de Oliveira, Domingos Carregosa, Claudio Justibiano de Souza, João Baptista de Alvaranga, João Baptista de Almabary Palhares

## S. Bento do Sapucáhy

## AO EXM. SR. SENADOR PRESIDENTE DA PROVÍNCIA

Já muito dissemos para provar a s. exc. o estado anarchico em que se acha a municipalidade de S. Bento, e para nos convencermos de que s. exc., mal informado, continuará na desattenção á nossas reclamações.

Lamentamos de coração isto, a que nós consideramos verdadeira fatalidade para um município digno de melhor sorte.

Não obstante a convicção em que estamos de que continuará a impunidade e com ella a anarchia, não cessaremos de apontar ao governo o que entendemos convenientes; neste propósito prosseguiremos. O dr. juiz de direito daquela comarca, acabou de designar o dia 7 de Junho para reunião do jury em S. Bento. Proporciona-se pois a s. exc., um meio seguro para conhecer a verdade. O dñe s. exc., à qual a autoridade que, uma vez em S. Bento, abra um inquérito sobre os factos, ouça ao ilustrado dr. Raposo de Almeida, cap. tao J. S. Ignacio No gueria, Francisco das Chagas Esteves Salgado, liberares distinguidos e por conseguinte inconfundíveis; onça ao reyd, vigário da parochia e todas as pessoas das mais graduadas de lugar, todos sob juramento, e s. exc., assim conhecerá a verdade, e fará justiça aos 5 vereadores aliados.

E' o que ocorre-nos lembrar a s. exc., como meio infallível de conhecer a verdade e fazer também justiça a

Um Paulista.

## Tatuhy

## AO EXM. SR. MINISTRO DA JUSTIÇA

Parce que o exmo. governo da província está resolvido a cruzar os braços ante a escandalosa cena testemunhada pelo povo tatuhyense, no dia 20 de Abril proximo passado !

Até hoje nem uma providencia ! Entretanto, o povo, confuso nos proveitos sentimentos de justiça, que devem ser a única norma de conduta de um governo, que se diz liberal e amigo da ordem — espia, encios, pelo desenlace de uma questão tão grave, que já devia ter sido ventilada, providenciada pelos poderes competentes.

Houve em Tatuhy quem se lembrou de promover um abaixo assinado em favor do sr. dr. Luiz Augusto Ferreira, e, sabendo o encarregado de arranjar assinaturas, encontrou três indivíduos, que não tiveram pejo de ver seus nomes assignados em um papel, que à qualquer bandido causa bojão !!

Tres homens da gelo, que menosprezam a sua dignidade e desconhecem o respeito que se deve tributar à uma senhora casa, cujo lar foi invadido por um sicario da lei.

O povo, indignado, pede providências. O marido ultrajado pede à lei que o defenda.

E a lei exige a punição do juiz culpado.

Nada de providencias !.

Pois bem: uma vez que tomei sobre meus humeros uma questão de tal gravidade, de prosegui-los sempre, como o judeu legendário, sem depor um momento o borbato e as sandalias do viajante.

Muito desejo chegar ao termo da questão; mas este termo só pode ser a penitência do culpado.

E quando o exmo. governo seja surdo-mudo ao justo reclamo, que lhe dirijo, em nome da victimas, virá a imprensa denunciar factos ainda mais graves, praticados pelo mesmo juiz, o que até hoje não são abordados por mequinhas conveniências partidárias.

Não quero chegar a tanto, e estimarei que se me poupe o sangue de por em relevo factos tão graves, que não devem ser registrados nos annais históricos de nossa província.

Prossinto o exemplo; pois que, made em

demovêdo do firme proposito, am que estou, de prestar o meu fraco auxilio à um estrangeiro desprotegido, e a uma família insultada em seu próprio lar.

Esporo ainda, e na esperança de ver desafrontada uma injuria atraída á face das famílias tatuhyenses, contenho-me por alguns dias, para que não diga que foi demasiadamente precipitado, e mesmo porque, tales factos são venenos subtils — que irão matar moralmente um mogo notável.

que ainda pôde emendar se, e conhecer,

que vivemos em um paiz civilizado, onde as leis devem ser a garantia do cidadão, seja ele pobre ou rico, nobre ou plebeo.

Ainda uma vez peço ao exmo. sr. ministro da justiça, que tome em consideração o escandaloso facto já descripto no Correio Paulistano de 14 do corrente.

Ponderava v. ex. sobre a natureza do facto, e admittia, por momentos, a hypothese de ser v. ex. Vicente Volpi, e este o ministro da justiça; tinha ou não v. ex. o direito de exigir uma providencia ?

Infelizmente, descurou desta ordem, só se praticam contra os desfavoráveis da fortuna, que nem si quer ouvam, resgir contra seus estúpidos agressores.

V. ex. deve providenciar estes factos,

para que não tenhamos a lamentar as sérias consequencias, que podem resultar,

do deleito e indiferentismo de um governo

que pactua com a immoralidade e o escândalo.

M. AUGUSTO GALVÃO.

## Protesto

Quirino Anacleto, morador e residente, a rua do Braz, em um dos quartos do monsenhor Anacleto José Ribeiro Coutinho, achando se doente teve necessidade de sair de sua casa, e ir curar se na villa de Nazareth, no mês de Fevereiro do anno passado, deixando a sua casa entregue a seu irmão de nome Cipriano, ficando em sua casa, um valle de 1:600\$000, e uma carta de liberdade, do mesmo Cipriano; e hoje querendo ajustar contas com seu irmão, não acha nem a carta, nem o valle, tendo a convicção de ter deixado em sua casa, e se por eventualidade alguém tiver em seu poder, ou souber quem a tenha, a caridade de dar noticia, ao escrivão do Braz, caso n.º 123, que será pelo anunciantes gratificado, além da gratidão, e se de má fez subtraído, protesta contra o delinquente.

## CRITICA DE IMMIGRAÇÃO

Damos hoje um specimen da que fez na Tribuna Liberal um critico realmente impagável :

«É costume nosso ler os prologos no fim, isto é, depois de mirar o livro...»

«Versos em 1881 ... precisam de merecer os cuidados artisticos que um boa lámina do Toledo merecia ao cisel paciente do Benevento (sic) »

Enfim, o critico que mira os livros em vez de lolos nunca não abandonará a proverbal sapientia ?

Então, andou Benevento, Celini a cinzento, as láminas de Toledo, e o

critico a custar !

O que é pena é que uso deixasse uma bem trabalhada ferula a professor de primeiras letras do impagável critico.

Ora o tol... edo !...

## REQUERIMENTOS DESPACHADOS

Pela presidencia da província, foram despachados os seguintes a 24 do corrente :

Do dr. Indalecio R. Figueira de Aguiar. —Dá-se, em termos.

Do sr. dr. Joaquim Ignacio de Moraes —Concedido.

Do alferes Luiz Augusto Corrêa. —Passa-se pela secretaria militar, devendo o particular vir ou mandar pagar o selo.

Do Adolpho G. Guinartes. —Passa-se.

Do dr. Ignacio Wallace da Gama Cochrane. —Sim.

De Joaquim Pinto da Costa. —Seja transferido.

Do Diogo Garcia da Figueiredo. —Nego

providencia ao recurso por não serem juri

ciosas as allegações apresentadas e ter cor

rido o processo de classificação de escravos

do município da Moçoca de acordo com as

disposições vigentes.

De Silvestre Corrêa de Moraes Bueno.

—Ao dr. juiz municipal para informar.

De Amelia Maria Mallet. —Informe o dr. inspector geral da instrução pública.

Do capitão João de Souza Amaral Gurgel. —Passe-se.

## NOTICIARIO

## ACTOS DA PRESIDENCIA

Em 24 do corrente :

Foram nomeados as seguintes autorida

des policiais :

PARAHYBANA

3º suplente do delegado, Marcellino

Amâncio de Moura.

Suplentes do subdelegado

1º, Manoel Cypriano de Oliveira.

2º, João Leite de Abreu.

3º, Joaquim Lourenço Oliveira Cruz.

SANTO ANTONIO DA ALGRIA, TERMO DE CAJUZU

Subdelegado

João Dias de Oliveira.

Suplentes

1º, Geraldino de Souza Vieira.

2º, José Alves Ferreira.

3º, João Pereira Dias.

Foram exonerados, a pedido :

Antônio Marçal Nogueira de Barros do cargo de subdelegado do 9º. José do Rio.

Pardo, termo de São Brás.

sulta que existem 3.985 fábricas de papel que produzem anualmente 950 milhões de kilos.

A metade destes papéis 475 milhões de kilos serve para impressão.

Só os jornais empregam mais de 300 milhões de kilos, o que vem a ser um consumo quotidiano de quasi 752.000 kilos.

Os governos consumem para os serviços administrativos 100 milhões de kilogramas, as escoias 90 milhões, o comércio 120 milhões, a indústria 90 milhões, e as cartas e correspondências particulares 50 milhões.

#### SUPPLICIO HORRIVEL

Em Pont de Ritte (França) commeteu-se há pouco um crime atrocíssimo. Um serrador chamado Berthet, de 34 anos de idade, assassinou um filho, de 17 anos, de um modo horrível e selvático. Não tendo conseguido matá-lo por estrangulamento, como primeiro tentou, agarrou o pelas pernas e comeu a batelha de encontro a um muro. Como a vítima não sucumbisse de pronto, acabou a fracturando-lhe a columna vertebral. O suplício do infeliz durou perto de uma hora.

#### MULTA

Por infracção do art. 221 do código de posturas municipais, foram multados os italinos, carroceiros, Pedro De grande Miguel Suquize, em 5.000 rs. cada um.

#### QUE PADRE!

O jornal Posta de Nápoles conta o facto seguinte, que se passou no domingo de Paschos, em Sarno:

Os padres da Igreja de São Francisco tinham mandado vir para as cerimónias da semana santa um Christo mecanico, que inclinava a cabeça, agitava os braços e fazia outros movimentos automaticos desse género.

Naturalmente a igreja foi invadida por uma multidão de curiosos, que se amontoaram junto do altar, falando em voz alta e fazendo uma bulha infernal.

Um padre subiu ao pulpito. Era um homem robusto, que impondo silêncio com toda a força dos seus pulmões a esta multidão de fiéis curiosos. Mas o silêncio não se restabeleceu. O padre zangou-se devoradas. Desceu do pulpito, foi para o altar, agarrou no Christo e, sem cerimónia, fez-o bocados, batendo com elles a torto e a direito sobre os fios e sobre os ornatós sacros.

Quando viu que está arrepiado já não servia, entrou a distribuir soccos, quebrando o queixo de um outro padre que tentava apaziguar o seu furor sagrado. Todos fugiram, o que deu lugar a uma cena de loruso. A porta não dava véspera aos fugitivos que se amontoavam uns sobre os outros, ferindo-se mutuamente.

Contam-se uns 60 feridos, dos quais alguns gravemente.

#### AS CALÇAS DO EXERCITO DE HONOLULU

Reina a mais viva excitação no reino de Honolulu, capital das ilhas Sandwich.

Aproveitando a ausência do rei Kekauana, o ministro, que é composto de homens de idéias muito adiantadas pediu ao parlamento um bill concedendo-lhe a quantia de 2,500 dollars para comprar calças para o exercito.

A oposição ergueu-se toda violentamente para combater esta inovação luxuosa. O ministro da guerra teve na defesa de seu projecto verdadeiros rasgos de eloquência. Affirmou, com lágrimas na voz, que nenhuma potencia que se respeitasse teria a amabilidade de declarar a Hawaí enquanto os seus soldados não tivessem esse ornamento, considerado essencial pela maior parte das nações civilizadas.

Notou também que a falta de calças no exercito era um estímulo à indisciplina. Os regulamentos militares das ilhas Sandwich são iguais aos dos exercitos europeus, e em certos casos mandam que o soldado ponha o dedo mínimo sobre a costura das calças. Ora, embora possuam a mais sinta vontade de cumprir o regulamento, não tendo calças, elas completamente impossível por o dedo na costura delas, e dali um atentado fatal contra a disciplina.

O leitor da oposição replicou que quando no anno passado a cámara votou o bill para uma camisa de flanela vermelha para cada soldado, fizera-o convicta de que era essa camisa o uniforme definitivo. Mas a camisa abriu o appetito ao governo, e agora quer calças amarras querer suspensórios. O governo protestou logo que nunca pedira suspensórios.

Um membro da maioria quis conciliar as coisas, autorizando o governo a transformar as camisas em calças, o que agrava o pouco orçamento. O ministro da guerra repeliu energicamente, em nome do gabinete, este aviso: «As calças disso elles não são uma substituição, são um suplemento.

Um conservador declarou que a adopção das calças no exercito era uma quebra das tradições glórias do Hawaí: «Os nossos pais nunca usaram camisas nem calças, e eram soldados valentes.»

A sessão levantou-se sem que o governo se tivesse a pedir a votação. A maioria é evidentemente hostil ao projecto; assim, pois, o exercito do Hawaí ficará ainda de vez com calças.

#### CAIXA ECONOMICA E MONTE DO SOCORRO

O movimento do dia 25 de Maio foi o seguinte:

CAIXA ECONOMICA	
31. Entradas do deposito	1.051.800
12. Retiradas do dito	374.511
MONTE DO SOCORRO	
1. Empréstimo sobre penhoras	50.000
1. Resgate de penhoras	70.000

#### AVISOS

**MEDICO** — Dr. EULALIO DA COSTA CARVALHO. — RUA DIREITA N° 21. CONSULTAS DAS 2 ÀS 4 HORAS DA TARDE, CHAMADOS A QUALQUER HORA.

**NÃO COMPREM**, collarinhos e collareinhos com punhos, lizos e bordados para senhoras e meninas, sem primeiro verem o grande e novo sentimento que chegou a casa A. A. FONSECA rua de S. Bento n. 41.

Está vendendo por preços baratinhos.

25-22

**DR. JOAQUIM PEDRO**, medico, operador e parteiro, rua de S. Bento n. 83.

73

**OS ADVOGADOS**. — Alfredo Augusto da Rocha e Evaristo Alves Cruz, tem o seu escritório rua da Imperatriz n. 2 (1º andar).

**O DR. JOHN NEAVE**, medico, cirurgião e parteiro, ocupa-se com especialidade das molestias das senhoras. Consultas de 12 às 2 horas. Chamados a qualquer hora do dia ou da noite.

Mudou sua residencia e escritório para a rua do Príncipe n. 14, sobrado

#### BOLETIM COMMERCIAL

##### MERCADO DE SANTOS

(Do nosso correspondente)

Santos, 25 de Maio de 1881

Realizaram-se hontem vendas de cerca de 19.000 sacas de café, sendo pago 45.300 pelos superiores e finos achando-ho o nosso mercado firme e com alguma procura.

Retiraram a 24 de corrente 94.464 kilos.

Desde 1 do corrente 3.015.881 kilos.

Existencia 69.000 sacas.

Termo medio das entradas diárias desde o dia 1º do mês 2.064 sacas.

No mesmo periodo de 1880 3.392 sacas.

No mesmo periodo de 1879 2.996 sacas.

No mesmo periodo de 1878 2.812 sacas.

No mesmo periodo de 1877 972 sacas.

No mesmo periodo de 1876 1.955 sacas.

No mesmo periodo de 1875 3.038 sacas.

Totalidade das entradas de café desde 1º de Julho de 1880 até 24 de Maio de 1881 1.081.187 sacas.

No mesmo periodo de 1879-80 1.015.722 sacas.

No mesmo periodo de 1878-79 1.078.364 sacas.

No mesmo periodo de 1877-78 983.150 sacas.

No mesmo periodo de 1876-77 561.299 sacas.

##### RENDIMENTOS FISCAIS

Allandaga

De 1 a 23 379.838.086  
Dia 24 18.306.619

398.233.805

No mesmo periodo em 1880 331.968.512

Meia de rendas :

De 1 a 23 92.521.6740  
Dia 24 5.73.8777

98.253.517

##### IMPORTAÇÃO

Manifesto

Barca inglesa Falcon-Liverpool :

Cerveja 100 caixas, agua mineral 10 caixas a G.

Backhouse-sacos 4 fardos a Silva Meira & C., baldes 4 jigos, pregos 5 barris, cobre 3 caixas,

ferro 1000 fechadas, estando 10 barricas a Monteiro Fontes & C.—mechanismo 17 volumes a Dulley Miller & Brunton—barro 21 barricas, material 19 caixas,

lata 1 caixa, tubos 10 feixes, cobre 307 volumes,

2 caixas, ferro 451 barras e 24 chapas a

companhia Estrada de Ferro de S. Paulo—lata de ferro 10 barricas a Souza Ayrosa C.—ferreiros 1

barrica, cerveja 50 caixas a Ordem—lata de ferro 50 gigos e 1 barrica a Sampayo Silva & C.—

feijão 33 barricas, cravos de ferraz 50 barras, farinhas 57 feixes, folha de Flandres 58

caixas, lata de ferro 25 gigos a Th. Wille & C.,

cerveja 150 caixas a Ordem—lata de Flandres 120 caixas, ferro 524 fechadas e 560 barras Brunes & C., tijolos para limpar 100 caixas a M. Matos & C.—material para wagons 278 volumes, 40 pias para rodas a companhia Estrada de ferro de S. Paulo—machinaria 20 volumes, trilhos 254 a

companhia Bragança—vidros 10 barricas a Backhouse & Co—porcas e parafusos 93 caixas a

companhia City of Santos—oleo de linhaça 200 latas a Brunes & C.—Sal de mesa 125 caixas a Monteiro Fontes Villar, 30 barricas de dita a F. S.

Hampshire & C.—vinho 18 caixas a J. Ford & C.—oleo de linhaça 140 latas e 10 barras, carvão 10 toneladas a Ordem—carvão 49 toneladas e 10 quintais a D. Elles Junior C.

##### EXPORTAÇÃO

Domingo, dia 24

Hamburgo—Vapor alemão Valparaíso :

J. Ford & C. 511 sacas de café no valor de

10.000.000; direitos 974.000

Zerrenner, Bulow & C., 55 sacas no valor de 6.000.000, direitos 506.400

J. W. Schmidt & C. 233 sacas no valor de 4.087.000, direitos 421.827

Maiblas Sanger, 125 sacas no valor de 2.647.6500 direitos 238.8275

Otto Helm & C., sucessores, 297 sacas no valor de 4.913.400, direitos 442.921

Londres, op. Antwerp — flane, vapor Ingles Kangaroo :

B. S. Caron, 1.500 sacas no valor de 31.770, direito 2.850.000

Zerrenner, Bulow & C., 1.000 sacas no valor de 21.180.000, direito 1.900.8200

R. Wurst & C., 1.165 sacas no valor de 24.674.000, direitos 2.220.723

Montandon Mattos & C., 1.000 sacas no valor de 21.180.000, direitos 1.900.8200

Genova—Vapor Brasileiro Canova para balear no Rio de Janeiro para o França—La França : F. S. Hampshire & C., 800 sacas no valor de 16.944.000, direitos 1.524.8300

##### MOVIMENTO DO PORTO

Saída a 25

Aracaju—Patacho português Marinhais, capitão J. Antonio dos Reis Iastro.

Gibraltar—Escuna Inglesa Martha Lloyd, capitão Richard Grillins, carga caixas.

##### NOTÍCIAS MARÍTIMAS

Vapores esperados

S. José, Rio de Janeiro—20

Rio Grande, Portos do Sul—27

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro—29

Valparaízo, Hamburg—27

Rio Grande—Rio de Janeiro—27

Kangaroo, Havre—27

Rio de Janeiro, Portos do Sul—29

##### MERCADO DO RIO

Rio, 25 de Maio de 1881

Café—Vendas hontem 18.100 sacas.

Preços

